



a eterna infância de Deus

Na fria manhã de 25 de dezembro de 1886, um jovem de dezoito anos, que em breve se tornaria um grande poeta e dramaturgo, dirigiu-se à Catedral de Notre Dame, em Paris. Tinha feito a primeira comunhão, que seria também a última. O mundo não era para ele mais do que uma imensa engrenagem material, sem coração e sem rumo. Matéria fria e cego azar: nada mais existe. E os pobres seres humanos? Oh! Pobres seres humanos! Nascem sem o terem pedido, gozam a vida, os que podem, e todos sofrem; e em breve todos morrem, jovens ou velhos, de miséria, de doença ou de solidão. Ou de desespero. Todos morrem, e pronto.

Assim pensava o jovem **PAUL CLAUDEL**, escritor principiante, enquanto caminhava, triste, para Notre Dame de Paris, numa húmida manhã de Natal. Procurava um tema sobre o qual escrever, um motivo inspirador. Mas, quem sabe o que procurava ele? Quem sabe o que procuramos nós? Lera, recentemente, as *Iluminações* do poeta Rimbaud, que lhe haviam despertado um profundo sentimento, quase físico, de Presença "sobrenatural". O seu avô tinha, também, morrido há pouco, após longos meses de sofrimento, com um doloroso cancro no estômago; desde então, a angústia e a obsessão com a morte, não o abandonaram mais.

Assistiu à missa sem muito interesse. Mas, à tarde, "não tendo nada melhor que fazer", como ele mesmo nos diz, voltou a Notre Dame, para assistir ao ofício de Vésperas. Estava de pé, entre a multidão, junto à segunda coluna do lado da sacristia. Tarde cinzenta de Natal em Paris. Tarde escura do coração, na catedral iluminada. De repente, o coro das crianças, vestidas com

roquetes brancos, entoou o *Magnificat*, que ele desconhecia: o cântico de Maria, a mãe de Jesus, o cântico dos pobres, o salmo dos humildes, o hino da Vida e da Misericórdia. "Ocorreu, então, o evento que acabou por dominar toda a minha vida. O meu coração foi tocado, instantaneamente, e passei a acreditar. Experimentei de repente, o sentimento penetrante da inocência, da eterna infância de Deus. Uma revelação inefável." E desfez-se em lágrimas. Enquanto o alvo coro de crianças cantava o *Adeste fidelis*, ele chorava cada vez mais. **E quanto mais chorava, mais consolado se sentia.**

O Natal é isto: **que todas as tristezas do mundo sejam transfiguradas em lágrimas de consolação, em lágrimas de compaixão**, até que essas lágrimas transfigurem o mundo. O essencial é isso, tudo o resto não passa de pormenores sem

importância, de imagens e palavras. Às vezes, contudo, quando as imagens são belas e as palavras inspiradas, convertem-se em pequenas chamas de luz e calor, em poemas que iluminam a noite, noite como esta que nos rodeia.

Que o mesmo aconteça contigo, amiga, amigo, de qualquer modo e onde quer que estejas. Seja qual for a forma como o invoques. **Que contemples o Mistério com Inocência e Ternura, que os teus olhos se abram, que o teu coração se comova, que os teus nós se desatem, que as tuas lágrimas se derramem, que as tuas dores se aliviem.** Pouco importa que isso te suceda na igreja ou no monte. Perante o presépio de Belém, ou frente a uma árvore qualquer. Ao som de canções de Natal, ou ouvindo o canto do pintarroxo, numa tarde de inverno. Na presença duma qualquer criança, ou, quem sabe, perante a tua mãe, da tua querida mãe tão velhinha e enferma. E pouco importa a forma como te expressas, nem se és crente ou agnóstico. **Deus queira, porém, que te aconteça!**



Surpreendo-me ao pensar que o jovem Claudel mal sabia o que era o Natal cristão. Sim, sabia – fruto da catequese infantil e da cultura ambiental – que o nascimento de Jesus é celebrado em Belém,

e que naquela frágil figura de um recém-nascido, os cristãos adoram o próprio Deus, ou a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, que se fez homem por nós e pelos nossos pecados. Ele sabia disso, mas não deste modo, e por isso o esquecera. Mas, naquele dia de Natal, por alguma razão especial, pela tristeza do seu coração ou pela beleza do *Magnificat*, ou pela emoção daquela multidão, perdida como ele, de repente todas as suas mágoas e desejos mais profundos confluíram em si, e as memórias mais recônditas acudiram juntas à sua mente. E aconteceu a Revelação do indizível.

O jovem poeta estava a sentir o mesmo que sentira, meses antes, com os versos de **Rimbaud**. Mas agora, revelado na sua forma cristã mais bela ainda: os ritos, os cânticos, as leituras de Natal. Jesus, Maria e José. Os anjos, os

pastores, os magos. Belém, Belém, Belém. Deus é carne de criança, é carne terrena. Deus é carne. Infância eterna de Deus. Aquele que não se encaixa no universo, cabe, agora, no seio de uma jovem mãe. **O criador é criado ao peito de uma mulher.** O Amor eterno precisa de ser mimado e abraçado como uma criança. O Todo é nada, para que tu saibas que és Tudo. É necessitado, para que aprendas a deixar-te socorrer e, assim, aprendas a socorrer. Está desamparado, para que tu tenhas casa, pátria, calor. Jaz deitado numa manjedoura, para que todas as criaturas possam sentar-se à grande mesa de toda a Terra.

É este o Natal em linguagem cristã, e que bela linguagem! Precisamos de palavras para compormos canções de Natal, assim como precisamos de instrumentos para criarmos sons. Mas **o Mistério é maior do que todas as palavras.** Alguns de nós chamamos-lhe Deus, e os cristãos reconhecem-no na vida humana, saudável e feliz, de Jesus de Nazaré. A sua vida é, para nós, a grande Encarnação, do presépio à cruz. É pena que Claudel, ao tornar-se cristão, se tenha tornado, também, tão conservador. **Vamos recuperar o Natal essencial, o Natal da Vida.** Na vida de Jesus, feita de carne sofredora e feliz, nós cristãos reconhecemos a Encarnação universal, para lá de todas as fronteiras de espaço, tempo e religião. A Encarnação de Deus em todos os mundos, desde o primeiro Big Bang.

Tudo isto que se apresenta diante dos meus olhos aqui, em Arroa: a luz, as nuvens, a sombra; o ar, a água, a terra; a montanha, o vale, o rio; o bosque, o prado, a vinha (sim, aquela vinha nua de txakolí, lá ao fundo na encosta); a árvore, a água, a terra; o amieiro, a bétula, o loureiro e a azinheira; o pardal e o pintarroxo, a carriça e o

rouxinol, o tetráz solitário e o casal de patos; orquídeas, ficus, cíclames e amores-perfeitos; cristais, pedras, conchas e búzios mortos (mortos?); e aquela estranha família que passeia pela ponte: Itziar e Víctor com Naira com os seus olhitos negros e com os seus lábios que já repetem tudo o que a sua mãe diz, e com Aila, o cão raboto lisonjeador e brincalhão, que não para de correr e de se esfregar nas pernas do dono, quando se cruza com ele (é a sua maneira de dizer como se sente amado e como os estima a todos)... Que é tudo isto senão uma encarnação de Deus?

Adoro a Deus em tudo quanto é, como o Menino Jesus.

Isto é o Natal para além das formas: **acolher e viver a eterna Infância ou a Bondade eterna de Deus em todas as coisas,** apesar de tudo.

JOSÉ ARREGI, Teólogo.

https://www.religiondigital.org/el_blog_de_jose_arregi/Eterna-infancia-Dios_7_1313938605.html

Um texto poético da autoria PAUL CLAUDEL, encontra-se na terceira das suas "*Cinq Grandes Odes*", de 1907, e traduz o mesmo acontecimento de uma outra maneira:

[Vinde, fiéis, e adoremos a Criança que nasceu!]

Oh! Os longos e amargos caminhos de outrora, do tempo em que estava só!
Caminhar em Paris, nesta longa rua que desce para Notre-Dame!
Então, como o atleta que se dirige ao estádio rodeado pelos seus amigos e
treinadores,
E alguém lhe fala ao ouvido, e o braço que abandona, e as luvas que lhe são
ajustadas,

Eu marchava por entre os pés caídos dos meus deuses.
Há menos murmúrios na floresta de Sant-Jean, no verão,
Menos gorjeio em Damasco, quando, ao ruído das águas que descem dos montes,
em tumulto,

Se junta o suspiro do deserto e a agitação dos altos plátanos à brisa da tarde,
Que palavras neste jovem coração cheio de desejos.

Oh! Meu Deus, o filho da mulher vos é mais agradável que um touro novo!
Encontro-me perante Vós como um combatente que se curva;
Não por se julgar fraco, mas porque o Outro é mais Forte.

Vós me chamastes pelo meu nome,
Como alguém que me conhecesse, Vós me escolhestes entre todos os da minha
geração.

Oh! Meu Deus, sabeis quanto o coração dos jovens está cheio de afeição,
E quando ele se não apega às suas máculas e vaidades...

Eis que sois alguém, subitamente!

Atemorizastes Moisés com a vossa Força, mas estais em meu coração, assim como
se eu não tivesse pecado.

Oh! Como sou bem o filho da mulher!

Porque a razão, a lição dos mestres e o absurdo, tudo isso nada vale

Contra a violência do meu coração e contra as mãos estendidas desta Criança.

Oh! Lágrimas! Oh! Coração fraco! Oh! Mina de lágrimas que correm!

Vinde, fiéis, e adoremos a Criança que nasceu!

PAUL CLAUDEL (1868-1955)

in "*Cinco Grandes Odes*"

o elogio da esperança



A esperança é um tema em contraciclo, fora de estação. Basta comparar a produção teológica nos anos 70 e 80 com a actual e apercebemos de um diferencial enorme contra o presente. A esperança desapareceu dos títulos dos volumes de teologia, nas suas várias áreas, e também na teologia bíblica. E como se a esperança tivesse sido a locomotiva do pensamento teológico durante uma estação do século XX e entrado depois

num enorme silêncio. A excepção talvez tenha sido a publicação da encíclica de Bento XVI, *Spe Salvi*, em 2007, e a recepção que se lhe seguiu. Mas, mesmo assim, nada comparável com a época anterior.

Se nos perguntarmos porquê, as hipóteses de resposta serão múltiplas. Mas uma delas será o sentimento de que vivemos ainda hoje a ressaca de tantas esperanças projectadas, a cinza espessa de tantos sonhos dispersos. Não é que não precisemos do discurso da esperança, mas ou porque não vemos como, ou porque desacreditamos dela, a esperança perdeu presença no espaço público no pensamento contemporâneo. Um dia, um amigo fez a Franz Kafka a seguinte pergunta: «há esperança para nós?» Kafka terá respondido: «sim, existe esperança, e uma esperança infinita, mas não para nós».

Um dos romances emblemáticos para um certo espírito militante no século xx foi o de André Malraux, *L'espoir*. Publicado em

Dezembro de 1937. A Esperança descreve o início do conturbado período de conflito civil que dilacerou a Espanha entre 1936 e 1939. E fá-lo com a tinta do desencanto. No final, o protagonista está sozinho e estas são as últimas palavras do volume: «Manuel escutava pela primeira vez a voz do que é mais grave que o sangue dos homens, mais inquietante do que a sua presença na terra: - a infinita possibilidade do seu destino; e sentia nele essa presença misturada ao rumor dos regatos e ao passo dos prisioneiros, permanente e profunda como as pancadas do seu coração.» A esperança permanece, isto é, a consideração da infinita possibilidade de destino para o ser humano e ela é profunda como as pancadas do coração. Mas vivemos tempos, porventura, com maior dificuldade em ouvi-la. Não tenhamos dúvidas: a crise contemporânea é também uma crise da esperança. Uma coisa é certa: a dificuldade actual que temos com a

esperança obriga-nos também a purificar as representações que fazemos dela. Tornou-se insuportável o discurso de uma esperança isenta, empolgada, ligeira, fácil, imediata. Se um elogio da esperança tem hoje cabimento é o de uma esperança que acerta a prova de fogo da desesperança, e que se de alguma maneira a transcende, também a integra no seu próprio processo. O elogio possível é o de uma esperança que não ignore o enigma e o absurdo de múltiplas situações da história, e por isso não se pretende ainda triunfalista ou auto-referencial. O elogio possível é o de uma esperança humilde, silenciosa, amadurecida depurada. Uma esperança crucificada e apofática. Uma esperança que tenha a forma daquele «esperar contra toda a esperança» (Rm 4,18), de que nos fala o apóstolo Paulo.

[JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA
| "*Esperar contra toda a Esperança*"
| Coleção Argumento | UCP]

<http://www.imissio.net/v2/opiniao/o-elogio-da-esperanca:3544/>

Dezembro



Quando voltarmos a partir
Rumo àquele mundo que em nós
Foi percurso de esperança
Alegria
Desejo único de expor o segredo
Nos teus braços
Mundo
Semente do meu sulco
Culto
Colherei
O que em ti reconheço
Minha única porta
Minha saída
Minha meta conhecida
Natal

Teresa Bracinha Vieira

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/dezembro-917840> (23.12.2020)